

A Educação das Virgens: um Estudo do Cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês

Pesquisadora: Elizete Silva Passos
Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Fontes Financiadoras: INEP e CNPq

Elementos introdutórios

É um estudo que, no plano geral, buscou analisar o significado da prática educativa das Ursulinas, tendo como espaço empírico de estudo o cotidiano do Colégio Nossa Senhora das Mercês, sediado na cidade de Salvador, no período de 1897 a 1956.

Especificamente, estudamos a *formação do caráter feminino* a partir dos hábitos, dos costumes, das crenças, dos valores, dos ritos, e da disciplina, que atravessaram aquela prática educativa, e de que forma serviram para criar convicções nas alunas e determinar uma forma de ser.

Diante dos objetivos da pesquisa, adotamos como suporte teórico as idéias apresentadas por Wilhem Reich, Michel Foucault e Erving Goffman. Isto porque, apesar desses autores virem de origens teóricas diferentes, trazem elementos que iluminam a interpretação do objeto por nós estudado. De Reich nos apropriamos de elementos teóricos específicos sobre a formação do caráter, articulando-os com os condicionamentos histórico-sociais, enquanto Foucault e Goffman nos auxiliaram na compreensão das tramas do micropoder dentro das instituições, entre elas, a escola.

No concernente à metodologia, trabalhamos com o referencial da história das mentalidades e com as seguintes fontes: documentos manuscritos do colégio, convites, fotografias, livros de anotações da secretaria do colégio, plantas da estrutura física do prédio, resenhas e monografias redigidas por religiosas. Trabalhamos também com documentos impressos referentes à Igreja, à história da Bahia, da Ordem e do Convento. Entre eles, obras da fundadora da Ordem, Angela Merici, do século XVI, Regimentos do Colégio, Constituições da Ordem, revista *Eco das Mercês* e encíclicas papais. Porém, a principal fonte desta pesquisa foram as entrevistas realizadas com ex-alunas, no número de 40, e religiosas, cobrindo um período de 1916 a 1956.

O trabalho está dividido em duas partes. A primeira intitula-se: "As Ursulinas e a destinação educativa: quadro histórico e doutrinário" e a segunda: "O colégio de Nossa Senhora das Mercês em Salvador: uma prática de formação feminina", totalizando sete capítulos e 375 páginas.

Resultados

A Ordem de Santa Úrsula foi criada na Itália, no dia 25 de novembro do ano de 1535, pela camponesa Angela Merici, com o objetivo de "lutar contra as here-sias e o espírito pagão e pela expansão do reino de Deus, através da caridade e da educação do sexo feminino". Espalhou-se rapidamente por vários países da Europa e pelos Estados Unidos, chegando ao Brasil no ano de 1735, com a fundação do Convento Nossa Senhora das Mercês, em Salvador, na Bahia.

O Convento de Nossa Senhora das Mercês foi criado pela baiana Úrsula Luiza de Monsserte, passando a seguir as normas da Ordem de Santa Úrsula. Apesar de ter iniciado seu trabalho principalmente como um recolhimento, desde o primeiro momento recebeu educandas. Porém, somente no ano de 1897, com a chegada das primeiras ursulinas francesas, o colégio passou a funcionar sistematicamente, inclusive com a abertura do seu externato.

Outros conventos ursulinos e seus respectivos colégios foram sendo abertos no Brasil, sempre orientando sua prática educativa pelos princípios pedagógicos e morais contidos em três pequenos escritos da fundadora, Angela Merici: *ã Regra*, escrita entre 1532 e 1535, as *Recomendações*, do ano de 1536, e o *Testamento*, do ano de 1537. Observamos que aqueles princípios foram seriamente seguidos na prática educativa do Colégio Nossa Senhora das Mercês. Nele, tanto no seu internato quanto no externato, o *tempo* das alunas era codificado a partir das atividades que deviam desenvolver a cada momento.

A rotina do internato começava aos 15 minutos para as 6 horas da manhã, onde junto à cama as alunas faziam a primeira oração do dia, sob a coordenação de uma religiosa. Após terem arrumada as camas, dirigiam-se, em fila, para os banheiros; em seguida à Capela, onde assistiam a uma missa; ao término da missa, desciam ao refeitório, também em fila; em seguida, à sala de aula, e assim por diante.

Foucault diz-nos que o processo disciplinar para ser eficiente precisa ser minucioso, a ponto de inspecionar e controlar **tudo**. **Entre** suas estratégias o *controle do tempo* é fundamental, porque ao controlar o tempo a ser gasto com cada atividade define-se também o compasso do corpo, bem como sua relação com os objetos. O tempo torna-se regulado e regulador, pois cadencia a vida de acordo com os horários. Percebemos que o *compasso* do corpo das alunas era definido pelo que precisavam fazer a cada momento: horário de acordar, de sentar, de se exercitar, de comer, de ir ao banheiro etc.

O tempo também servia para codificar as relações do *corpo* com as *atividades* que as alunas estivessem realizando. Por exemplo, na hora de sentar, se a aluna não fosse escrever, deveria colocar as mãos para trás. Do mesmo modo, não deviam cruzar as pernas, colocar os cotovelos sobre a mesa, andar balançando o corpo, entre outros. Essas prescrições tinham objetivos subjacentes que consistiam em *discipliná-las, ordená-las e docilizá-las*.

Além da delimitação do tempo, o colégio codificava também o *espaço*. As alunas sabiam onde podiam ir a cada momento e onde não era permitida sua circulação. O espaço era dividido de modo a facilitar o controle, evitando-se as agitações, as reuniões, enfim, as situações consideradas inconvenientes. A cada momento ficavam em um espaço determinado, seguindo princípios como: uma conversadeira junto de uma calada, uma extrovertida junto de uma tímida. Assim, visando à disciplina, os espaços iam sendo codificados.

Também o processo de *avaliação* do colégio servia como um mecanismo *disciplinar*. Nele eram premiadas as alunas mais *aplicadas*, mais *disciplinadas* ou mais *civilizadas*. Esse procedimento servia para comparar as alunas e mostrar-lhes seu valor e sua qualidade. O fato de uma não receber uma medalha ou uma faixa era o mesmo que dizer que ela não era tão boa quanto a outra.

Foucault indica-nos, também, que colocar as pessoas *em fila* é uma maneira de discipliná-las, pois

serve para separá-las, alinhá-las e hierarquizá-las. No colégio, segundo relatou uma ex-aluna, "tudo era fila, ninguém entrava nem saía de lugar nenhum fora da fila". Seguia-se um alinhamento onde as menores ficavam na frente, as médias no meio e as maiores atrás. Esse alinhamento fazia com que cada uma tivesse um lugar na fila, criando "espaços complexos", que segundo Foucault, são funcionais e disciplinares.

Outro elemento importante no processo educativo do Colégio Nossa Senhora das Mercês foi o controle sobre o *discurso* das alunas. Alguns assuntos eram verdadeiros tabus: namoro, sexo, virgindade, entre outros. Só eram tratados de forma científica, quando necessário, mesmo assim, substituindo termos como *virgindade* por pureza.

Além dos mecanismos disciplinares, o *cotidiano* do colégio ia ganhando uma *forma* a partir da *doutrina* por ele seguida, cujas raízes se encontravam na origem da Ordem de Santa Úrsula, e das *normas* explicitadas nos seus regimen-

tos e regulamentos. O Regulamento do Internato, entre outras exigências, proibia que as alunas levassem para o colégio livros, revistas, jornais e partituras musicais. Que os doces, as frutas e tudo o que viesse de suas casas fossem divididos com todas; que não usassem temas ambíguos, palavras livres e conversas ou escritos contra a fé e a moral.

Também limitava o horário de visitas para os domingos e dias santos, das 9 às 11 horas e das 13h30 às 15h30 e vetava a visita de rapazes e de amigos. Além disso, as alunas dependiam totalmente das religiosas. Não podiam usar o telefone, escolher um livro para ler, ir ao dormitório quando quisessem ou tivessem necessidade, para tudo precisavam pedir autorização. Para Goffman, a obrigação de pedir permissão para praticarem ações que o indivíduo tem consciência de que pode fazer sozinho causa dependência e submissão.

De modo geral, as alunas não tinham dificuldades para acatar as normas estabelecidas. Primeiro, porque, como afirmaram algumas ex-alunas, *obedecer* não as

desqualificava, pois era um ato de *humildade* e de *caridade*, portanto, meritório. Por outro lado, naquele momento, a obediência era o que se esperava do sexo feminino. Estavam acostumadas a obedecer em casa, de modo que obedecerem na escola não consistia em nenhuma novidade.

Apesar de a tendência mais comum entre as alunas ter sido a de *obedecer*, algumas transgressões eram praticadas. Entre elas: tirar frutas na roça, imitar as freiras na hora de dormir, não usar o chapéu do fardamento quando saíam da escola, receber bilhetes por intermédio das alunas externas, olhar pela janela para ver o movimento da rua.

As religiosas tratavam essas "faltas" de forma diferente. Havia uma escala de valores, sendo que as mais graves se relacionavam ao roubo e à *mentira*. Como informou uma ex-aluna, "as freiras não marcavam as pintonas e brincalhonas e sim as grosseiras e as que não falavam a verdade".

Para fazer frente às transgressões e evitar que novas faltas fossem

cometidas, o colégio lançava mão de "sinais obstáculos" e de algumas formas de *punição*. Os castigos eram basicamente de ordem moral: dormir antes da hora, refazer o dever na hora do recreio, copiar trechos de livros e cânticos religiosos, copiar frases de efeito moral. Porém, não deixavam de ser de ordem física, à medida que controlava os corpos e adestrava os gestos. Também os jogos de *sinais* utilizados no colégio serviam para deixar a falta em desvantagem. Eles eram muitos: toque do sino, palmas, livrinho com som de castanholas, olhares, expressões faciais; os mais usados. Esses sinais eram facilmente decodificados pelas alunas e acatados

Assim, através do processo de convencimento, de uma relação amorosa, do exemplo e dos mecanismos disciplinares iam conseguindo formar hábitos e desenvolver convicções, ou seja, formar o *caráter*. Desse modo, a educação ministrada pelas religiosas da Ordem de Santa Úrsula, no colégio de Nossa Senhora das Mercês, não visava atingir apenas o *corpo*, fazendo com que as alunas andassem numa postura correta, sentassem com distinção, colocassem as mãos e as pernas corretamente, pretendia, também, atingir a *alma*, formando hábitos de conduta e uma forma de ser, ou seja, um tipo de caráter.